

OS UOS DO “MAS QUANDO” PARAENSE

Érica do Socorro Barbosa Reis

Nilza Barrozo Dias

Mestra em Estudos de Linguagem

Teses e dissertações recentes

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar um recorte da dissertação de Reis (2018) que traz uma análise sobre os usos funcionais de “*mas quando*” falados em determinadas regiões do estado do Pará. Esses usos são encontrados em contextos de falas coloquiais e, principalmente, em diálogos. No decorrer da pesquisa, por meio da análise de dados, destacamos três usos de “*mas quando*”: USO 1 [mas] [quando], USO 2 [mas [quando]] e USO 3 [mas quando]. No USO 1 encontramos a ocorrência que podemos chamar de uso original, comum ou basilar aos falantes da língua portuguesa no Brasil, em que o “*mas*” apresenta sua função de conjunção adversativa prototípica juntamente com o “*quando*” que possui valor de conjunção temporal também prototípica. Entretanto, passamos a observar outros usos diversos do uso comum e a eles chamamos de USO 2 e 3. No USO 2, há o destaque para um significado ambíguo ou híbrido e, no USO 3, há a expressão paraense com significado negativo ou opositivo, não comum na língua portuguesa para falantes fora do estado do Pará. Deve-se ressaltar que foram encontradas 56 ocorrências de “*mas quando*” envolvendo os 3 (três) usos e que, numa análise quantitativa, temos: 23,21% de dados do USO 1; 12,50% de dados do USO 2 e 64,29% de dados do USO 3. Os *corpora* escolhidos para este trabalho são compostos por: i) sentenças extraídas de narrativas orais amazônicas do acervo do Projeto de Pesquisa e Extensão, o IFNOPAP (*O Imaginário nas Formas de Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense*); ii) Áudios em que informantes da ilha de Breves, localizada no Arquipélago do Marajó, ao extremo Norte do estado do Pará, narravam histórias ditas fantásticas do imaginário daquele lugar; iii) Recortes de conversas dos aplicativos de Mensagens Instantâneas (MIs) *WhatsApp* e *Messenger*; e iv) Postagens feitas na rede social *Facebook*. Estamos diante de um estudo funcionalista, que versa analisar a polissemia linguística de “*mas quando*” no falar paraense, tendo em vista que o uso 3, o mais frequente, apresenta o sentido negativo e opositivo ao tornar-se um *chunking* sequencial, segundo Bybee (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Usos funcionais, expressão paraense, estudo funcionalista.

Introdução

Em termos de Brasil, um país de vasta extensão territorial, cultural e étnica, o seu português carrega uma grande heterogeneidade e variação observada em nosso território. Na região amazônica, por exemplo, é possível encontrar ocorrências de expressões como: *égua, paid'égua, disque, mas quando*, etc. irreconhecíveis em outras regiões. Em razão disso, escolhemos para este trabalho analisar a mudança linguística do PB voltado para a expressão *mas quando* do linguajar amazônico, com base em um estudo sincrônico.

Vejamos o exemplo (1) a seguir:

Imagem 01

(1) USO 3



Fonte: WhatsApp

Neste exemplo (1), temos a ocorrência da expressão *mas quando* exercendo a função de **negação enfática** em relação à pergunta feita anteriormente. Negação esta que é seguida de uma justificativa e que pode funcionar tendo as formas de “de jeito nenhum”, “não tenho como” ou até mesmo de “claro que não”, substituindo a expressão “*mas quando*” sem perda semântica aparente (=“*Já almoçou?rs / não tenho como. Tô indo pra Bragança*”).

Vale ressaltar que a resposta em forma de **negação** é entendida pelo leitor/ouvinte porque este já inferiu que a viagem para Bragança está ocorrendo naquele exato momento de transporte rodoviário, logo, não há, de fato, como alguém ter almoçado dentro de um ônibus em viagem. Vejamos, portanto, no decorrer deste artigo,

como é possível linguisticamente que a conjunção adversativa “*mas*” seguida do advérbio de tempo “*quando*”, ambos em sua função prototípica, podem ser uma construção de valor negativo no falar paraense.

Além disso, este exemplo (1) se enquadra no USO 3 de nossa análise, pois já atesta-se o uso da construção *mas quando* com a função negativa que a expressão carrega ao ser utilizada pelos falantes paraenses.

A motivação para esta escolha foi o meu grande interesse pelas diversas formas de expressões paraenses peculiares, tanto na capital do Pará, Belém, quanto nas regiões ribeirinhas e periféricas deste estado. Para esta etapa da presente pesquisa, foram utilizados apenas dados da fala paraense, mesmo tendo o conhecimento não científico de que a expressão também é falada em outros estados da região Norte do Brasil, e para isso temos três tipos de *corpus*: Gravação de fala contada narrativas orais (gravadas para exclusivamente para esta pesquisa e gravadas anteriormente para outras pesquisas), dados do *WhatsApp* e *facebook* via *print*¹.

Os *corpora* escolhidos para este trabalho são compostos por: (i) sentenças extraídas de narrativas orais amazônicas do acervo do Projeto de pesquisa e extensão chamado IFNOPAP (*O Imaginário nas Formas de Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense*); (ii) áudios nos quais eu gravei informantes da Ilha de Breves, localizada no Arquipélago do Marajó, ao extremo Norte do estado do Pará, que narravam histórias ditas fantásticas do imaginário daquele lugar, como parte dos dados do falar paraense; (iii) recortes de conversas dos aplicativos de Mensagens Instantâneas (MIs) *WhatsApp* e *Messenger* via *print screen*², e (iv) postagens (relatos curtos) feitas no *site facebook*, coletadas via *print* novamente.

Em relação aos objetivos deste trabalho, o principal deles é identificar a possível motivação das ocorrências de 3 (três) usos funcionais de “*mas*” e “*quando*”, USO 1, USO 2 e USO 3, uma vez que as conjunções agrupadas ([*mas quando*]) formam a expressão no uso 3, que, teoricamente, de acordo com o que Bybee (2010), denomina-se **construção** por ser o pareamento entre forma e sentido e pelo fato de não identificamos

¹ Forma de capturar imagens da tela do computador ou *smartphone*.

² O *Print screen* é uma [tecla](#) comum nos [teclados](#) de [computador](#). No *Windows*, quando a tecla é pressionada, captura em forma de [imagem](#) tudo o que está presente na [tela](#). Para esta pesquisa estamos trabalhando com *prints* do *smartphone*. (Fonte: Google)

mais a ocorrência da conjunção adversativa “*mas*” em sua função prototípica, nem da conjunção temporal “*quando*”, também exercendo sua função prototípica (ambos em seus sentidos mais usuais, de acordo com a sintaxe e com a semântica) já a partir do USO 2, identificado nos dados.

Além do objetivo principal, podemos dizer que os objetivos secundários que permeiam esta pesquisa são: (i) ressaltar que há usos polissêmicos atestados numa pesquisa de base sincrônica, tendo em vista que a construção sofreu mudança de forma e sentido no USO 3³; (ii) observar que, no USO 2 destacado em nossos dados, temos uma espécie de hibridismo em relação à semântica da construção *mas quando* já em forma de expressão paraense, pois há duas maneiras de interpretar seu sentido, sendo a primeira na expressão já colocada aqui e que adere sentido, **ora negativo ora opositivo**, e a segunda, na forma de elemento conector que ajuda a construir uma possível oração interrogativa; (iii) atestar que no USO 3 a expressão é um caso de uma nova e única construção que aparece diferente em forma e sentido em relação ao USO 1 (uso dito comum ou convencional ao demais falantes das outras regiões do Brasil), pois são inseparáveis e não podem ser colocados em outra ordem, o que nos leva a ter a ideia de *chunking*, segundo os pressupostos de Bybee (2010).

Arcabouço teórico

- **Mas** = [**mas**_{conjunção}]

Castilho (2012) afirma que a conjunção adversativa “*mas*” apresenta, além das propriedades sintáticas e semânticas, as propriedades discursivas, situadas em determinados contextos, inclusive de fala real. Este fato se faz interessante neste momento justamente por estarmos lidando com esse tipo de contexto nos dados referentes à pesquisa.

O autor também faz referência à gramaticalização dessa conjunção adversativa, a qual no latim tinha a forma “*magis*” e se apresentava como advérbio possuidor da função que estabelecia “comparações de quantidade e de qualidade, identificando-se

³ Ao se falar de “mudança”, compreendemos o estudo diacrônico, para Trougott (2010) pode-se falar de gramaticalidade num *cline* sincrônico.

ainda valores secundários de inclusão de indivíduos num conjunto.” (p.351), Vejamos, então, os exemplos do de CASTILHO (2012, p.351):

- (1) Precisamos de **mais** linguistas.
- (2) Ele tem **mais** livros do que seu vizinho.
- (3) Ele falou **mais** alto do que seu colega.

Nos exemplos acima ficam claras as funções que *magis* > *mais* possuía, devemos ressaltar que na forma gramaticalizada essa função ainda existe. Mas afinal, como se deu a gramaticalização em *magis* > *mais* > *mas*?

CASTILHO (2012, p.351) afirma que

O valor adversativo desenvolveu-se por metonímia, visto que em muitas de sua ocorrências *mas* aparece precedido de *não*, sendo que a **negação das expectativas é o valor básico dessa conjunção**. [...] O valor inclusivo do *mais* o predispôs a atuar no sistema discursivo, como uma espécie de conectivo interacional e textual. Esse mesmo valor, após transformações metonímicas, preparou-o para atuar no sistema da gramática, como uma conjunção de contração. Discurso e gramática, portanto, exploram propriedades léxico-semânticas de *mais*, dando origem a um conjunto de expressões sincrônicas que poderíamos dispor num eixo que iria de /inclusão/ para /contração/. Quero sublinhar que será ilusório supor que haja uma grande nitidez separando um do outro. [grifo nosso]

O que Castilho (2012) nos apresenta nessa citação, é justamente uma de nossas hipóteses de viés sintático-semântico da ocorrência de “*mas quando*” nos USOS 2 e 3, uma vez nesses usos a construção pode apresentar (USO 2) ou apresenta (USO 3) a função **opositiva/contrajuntiva** em determinados contextos discursivos e textuais do falar paraense. E, como bem frisa o gramático, “expressões sincrônicas” foram originadas a partir dessa gramaticalização.

O autor ainda trata das questões discursivas e semântico-sintáticas de “*mas*”, e resalta que na interação conversacional o “*mas*” pode ocorrer no intuito de organizar construções de turno, o mais recorrente, seria o “*mas*” aparecendo no início de um turno de fala, além disso, sob aspectos semântico-sintáticos, estes, por sua vez, são os que nos interessam mais para a pesquisa, como já fora dito anteriormente. Em relação a

isso, Castilho (2012) cita três mudanças ocorridas no trajeto *magis* > *mais* > *mas*, em que a terceira mudança trata de ressaltar o ganho da função **contrajuntiva** de “*mas*”.

Para tentarmos entender a noção de negação que o “*mas*” apresenta, sob outra visão, NEVES (2011, p.285) firma que

A **negação** é uma operação atuante no nível sintático-semântico (no interior do **enunciado**), bem como no nível **pragmático**. É um processo formador de sentido, agindo como instrumento de **interação** dotado de intencionalidade. A **negação** é, além disso, um recurso argumentativo (ou contra-argumentativo).

Ao final desta citação a autora nos apresenta a negação também como recurso contra-argumentativo, conceito este que dialoga diretamente com a função da construção em forma de expressão do falar paraense “mas quando”.

A autora também assevera que o processo de negação se faz em torno do termo “*não*”, que tem a função de negar uma afirmação: *Não* quero comer ≠ Quero comer mas que além dele, outros elementos adverbiais, ou não, possuem a funcionalidade de negar - *nunca, jamais, nem* - no nível oracional: *Jamais* comerei ovo cozido = *Não* comerei ovo cozido em **tempo algum**. e *Nunca* vi esse rapaz na vida = *Não* vi esse rapaz na vida em **tempo algum**.

No caso do *nem* a autora o coloca tanto em função adverbial: “A patroa que dar umas voltinhas, *nem quer* saber de jogo” quanto em função de conjunção coordenativa “**Mas**, como eu era sujeito distinto, *não* telefonou *nem* procurou pessoalmente Monticelli” (NEVES 2011, p. 287).

Neste último caso, o destaque da conjunção adversativa “*mas*”, foi feito por nós em razão de ela fazer parte da estrutura a qual estamos estudando. Observemos, então, que se trata de uma oração de sentido negativo marcada pelos advérbios *não* e *nem* em que o “*mas*” carrega sua função de quebra de expectativa em relação à ideia anterior, neste caso, por mais que não apareça em seu **contexto**, a oração que demarca a ideia anterior, ou seja, a oração matriz, subentende-se que alguém ia ligar e/ou procurar o sujeito da oração, entretanto não foi isso que aconteceu. O “*mas*”, portanto, corrobora os advérbios negativos para tornar a sentença toda negativa e opositiva.

Quando = [quando_{conjunção}]

Também sob o ponto de vista de Castilho (2012), o “quando” atua como conjunção adverbial temporal no que tangencia as orações subordinadas temporais e ainda as classifica como forma de expressão de “tempo anterior, simultâneo e posterior” ao tempo da oração matriz. Em relação ao tempo simultâneo, temos a conjunção *enquanto*, já em relação aos tempos anterior e posterior, temos a conjunção “quando”.

Isso se faz importante de ser ressaltado aqui pelo fato de que na expressão “mas quando” o “quando”, segundo nossa hipótese, não deixa de apresentar seu caráter temporal, mas, por outro lado, parece perder o caráter de tempo posterior e anterior, ou seja, de início e término de uma ação em relação à outra, e passa a ganhar um caráter temporal infinito. O gramático ainda afirma que a conjunção “quando” é a mais recorrente no português culto falado no Brasil.

Neves (2011), assim como Bechara (2009), afirma que a conjunção “quando”, ao aparecer nas orações adverbiais temporais, também pode apresentar efeito **contrário à expectativa** (valor semelhante às conjunções adversativas) empregada na oração núcleo. A autora atribui ainda ao “quando” o sentido **concessivo**⁴, mas ressalta que ele continua tendo também certo valor temporal e frisa que, para que isso aconteça, algumas características específicas devam ocorrer nas construções ou sentenças oracionais. São essas (Neves, 2011, p. 800):

- Na **oração principal** e na temporal ocorre, caracteristicamente, o presente, ou o **futuro de pretérito**;
- O **estado de coisas da oração temporal** e o da **principal** são **simultâneos**;
- Tem relevância a **factualidade** contida na **oração adverbial** (condição preenchida), mas esse fato está em contraste com o que se apresenta na oração principal, e envolve estranhamento, com efeito de “contrário à expectativa”.

⁴ Neves (2010) atesta a ocorrência da **concessão**, todavia sabemos que a discussão entre concessão e adversidade é bem ampla e complexa entre os linguistas.

Vejamos o exemplo abaixo destacado por Neves (2011, p. 800): “Essa mulher **procura** um trabalho **QUANDO** centenas de outros **abandonam** seus trabalhos”. (CCI)

No exemplo acima podemos observar o que a autora chama de efeito “contrário à expectativa” sobre a oração núcleo exercida pela conjunção temporal “*quando*”, uma vez que se alguém procura trabalho, esse alguém está certo de que precisa trabalhar e que esse ato lhe trará benefícios, mas, por outro lado, centenas de pessoas estão abandonando seus trabalhos, o que significa que trabalhar já não traz tantos benefícios como o esperado. Observa-se também que o estado de coisas da oração núcleo acontece simultaneamente ao da oração temporal.

Isso se faz importante de ser ressaltado aqui pelo fato de que na expressão “*mas quando*” o “*quando*”, segundo nossa hipótese, baseada na análise dos dados, não deixa totalmente de apresentar seu caráter temporal, mas, por outro lado, agrupando-se ao “*mas*”, para formar uma única construção, podemos dizer então que ele fica “contaminado” da função de contraste e oposição que “*mas*” apresenta.

Teoria Centrada no Uso

Por outro lado, o nosso trabalho também precisa dos estudos da Teoria Centrada no Uso e, desta vez, estamos diante de uma teoria que estuda o que se diz, como se diz e por que se diz daquela forma, uma vez que há a junção da funcionalidade e de aspectos cognitivos da construção. A Teoria Centrada no uso faz parte do campo mais avançado dos estudos funcionalistas que antes priorizavam em estudar apenas itens linguísticos independentes em um *continuum* léxico-gramática. Estes itens, atualmente, são estudados em contextos bem específicos em que, além da referência estrutural, a pragmática também aparece de forma acentuada para os estudos linguísticos (LIMA-HERNANDES 2015, P.15):

(...) Mais do que focar nos campos de interesse que antes deram um passo adiante nessa reflexão, melhor será guardar o distanciamento necessário para preservar a dimensão macroesférica. Só assim será possível tomar consciência de que o processo de evolução do pensamento linguístico foi ganhando uma abrangência e complexidade nas reflexões: léxico -> morfologia -> sintaxe -> pragmática. Não há dúvida de que o que mudou foi o espaço do olhar. O recorte foi construindo novos objetos, deslocando os observadores para entrecampos cada vez mais complexos de reflexão.

De acordo com Bybee (2010), a Teoria Centrada no Uso é a proposta mais atual dos estudos funcionalistas ditos clássicos, aqueles em que uma possível mudança se dava em um item isolado independente do contexto de uso, isto é, o contexto e o cotexto (contexto puramente linguístico) não exerciam papéis fundamentais para tal análise. Bybee (2010) ainda frisa como hipótese central da teoria que os contextos em que as construções aparecem impactam na representação cognitiva da linguagem, isso significa que as estruturas que utilizamos em uma interação verbal são selecionadas de acordo com a situação comunicativa para suprir a necessidade de interação entre os falantes.

Partindo do pressuposto de que novas construções gramaticais surgem em uma determinada língua para suprir novas necessidades de interação, a construção “mas quando” está sendo estudada na atual pesquisa em contextos de uso sincrônicos que vão dos mais concretos aos mais abstratos, ou seja, nosso *corpus* tem o objetivo de nos dar subsídios para a verificação da relação de **oposição ou negação** que a expressão em questão apresenta, de acordo com o contexto de uso.

Chunking

De acordo com Bybee (2016), a repetição de estruturas em uma dada sequência não mutável recebe o nome de *chunking*, em que este, por sua vez, é constituído por partes menores nomeadas de *chunk*. Vejamos então, segundo Bybee (2016, p. 65), que

A principal experiência que aciona o *chunking* é a repetição. Se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma. É uma propriedade tanto da produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a desenvoltura nas duas modalidades. Quanto mais a sequência puder ser acessada junta, tanto mais fluente a execução, e a compreensão ocorrerá mais facilmente. [...] *Chunking* é o processo por trás da formação e do uso de sequências de palavras formulaicas ou pré-fabricadas. [...] e também é o mecanismo primário que leva a formação de construções e de estrutura de constituinte.

Portanto, podemos dizer que a construção *mas quando*, em forma de expressão paraense, vista com mais clareza e sem ambiguidade de interpretação no USO 3, é um *chunking*, uma vez que nos dados podemos atestar determinada sequência, frequência

ou repetição. A expressão é compreendida tanto para quem fala, quanto para quem ouve num dado contexto, neste caso, o contexto mais forte seria o indicado pelo regionalismo cultural, ou seja, falantes da mesma região compreendem facilmente o sentido da expressão “*mas quando*” com significado negativo e opositivo.

Bybee (2010) ainda frisa, como hipótese central da teoria, que os contextos em que as construções aparecem impactam na representação cognitiva da linguagem, isso significa que as estruturas, que utilizamos em uma interação verbal, são selecionadas de acordo com a situação comunicativa para suprir a necessidade de interação entre os falantes.

Assim, partindo desse pressuposto, o *chunking* “*mas quando*”, que expressa, ora sentido negativo e ora sentido opositivo, em contextos do uso paraense, nasceu para suprir a necessidade de **negar** com certa ênfase num **tempo indeterminado**, além de também apresentar a função de **oposição**.

Procedimentos metodológicos

Para a pesquisa completa de Reis (2018), foram adotados textos que contêm **sequências narrativas** e **diálogos (sequência dialogal)** em que só tivéssemos locutores e interlocutores paraenses. Entretanto, para este artigo foi escolhida uma parte do *corpus* de Reis (2018), a qual corresponde, não em sua totalidade, aos dados coletados do aplicativo *WhatsApp* e dos áudios gravados na cidade de Breves, na ilha do Marajó (PA).

Análise do corpus

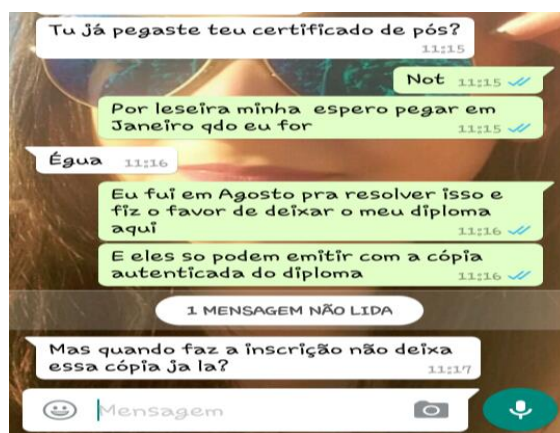
De acordo com a análise feita, destacou-se 03 (três) usos de “*mas quando*”, os quais nomeamos de USO 1, USO 2 e USO 3, como já havia sido destacado no decorrer deste trabalho. Os dados de maior produtividade foram os relacionados ao USO 3, o qual recai sobre a formação do *chunking*, portanto, em nossa análise, teremos mais subtipos do USO 3 do que dos USOS 1 e 2.

USO 1 – USO TRADICIONAL OU COMUM

- [maS_{contra}junção] [quando_{advérbio/conjunção}]

Imagem 02

(2)



Fonte: WhatsApp 02

Nesta imagem capturada via *print* do *WhatsApp*, a qual diz respeito ao exemplo (2), temos o *mas* fazendo o papel de operador argumentativo entre os discursos ou os turnos de “fala”, como nos demonstrou Castilho (2012); além disso, o “mas” também apresenta valor **contrajuntivo** em relação à “fala” anterior, ou seja, juntando e contrapondo-as.

Devemos salientar também que estamos diante de uma oração adverbial temporal, conectada pelo *quando*, à oração núcleo. A oração interrogativa em sua ordem direta seria: “**Mas** não deixa essa cópia já lá **quando** faz a inscrição?”. Nela podemos ver de modo mais claro o *quando* se comportando como tempo pontual.

USO 2= USO HÍBRIDO

Híbrido. Semelhante ao “*mas como?*”

- [mas [quando_{expressão/ora.interrog}]]

(3) *E* : *mas* tu acreditas nessas coisas?

D: Olha maninha...acreditar, eu acredito. Eu sinceramente *não* sei se eu teria...coragem realmente de continuar vindo estudar aqui a noite.

E: entendi... *mas* por quê?

D: ma:na, **mas qua:ndo** *que* eu ia me meter na á:gua com cobra gra:nde, com bi:cho, no escu:ro, num barco peque:no, de remo...tá doida, menina(?)⁵ (Áudio 02)

Em (3), temos o [mas [quando_{expressão/oração interrogativa}]] com valor semântico semelhante à interrogativa “mas como?” que, inicialmente, expressa modo. Sempre aparece em orações que se assemelham ao formato de orações interrogativas, que não são perguntas propriamente ditas, mas requerem uma resposta, como bem ressalta Perini (2010) e Ilari & Basso in Ilari (2014). Essas orações não são caracterizadas como perguntas diretas polares ou não polares, daí vem a razão para caracterizarmos o USO 2 sendo híbrido, pois pode ter: 1) **valor semântico de negação** (*eu jamais iria me meter na água com cobra grande...*) e 2) **valor de oração interrogativa** (*Mas em qual momento eu iria me meter na água com cobra grande...*).

É interessante observarmos que neste exemplo (3) as ocorrências do “mas” sozinho iniciam um turno interrogativo, dando certa organização entre as falas, e, principalmente, apresentam a função **contrajuntiva**, ou seja, une orações, contrapondo-as, pois antes do primeiro “mas” existe a possibilidade clara de que algo relacionado ao mítico da região foi dito por **D**, por isso eu faço a pergunta (= *mas tu acreditas nessas coisas?*), e em seguida ocorre o segundo “mas”, que se assemelha a um operador argumentativo, com base em Castilho (2012), já que introduz uma pergunta marcando uma sequência de informações, e, além disso, permanece ainda com seu valor **contrajuntivo**.

Ainda sobre o fato de poder ser também uma oração interrogativa, podemos destacar o pronome “*que*” o qual pode exercer função sintática de pronome interrogativo. Este item em particular só ocorreu nos dados híbridos do *corpus* de fala gravados exclusivamente para esta pesquisa, ou seja, nos dados da cidade de Breves-PA. Entretanto, não podemos afirmar que é uma variante da região ou do contexto situacional narrativo. O fato é que o que pode estar auxiliando para que tenhamos “*mas quando que?*” na oração interrogativa, semelhante à forma “*mas como que?*”.

⁵ O sinal de interrogação está entre parênteses justamente por não termos a certeza de que seja uma pergunta.

Outra observação pertinente a se fazer é a ocorrência do advérbio negativo prototípico “*não*” que integra o cotexto antecedendo a expressão foco de nosso trabalho. Este advérbio se manifesta com a função de negar toda a sentença oracional a qual pertence, demonstrada na fala da informante *D* (= Eu sinceramente *não* sei se eu teria... coragem realmente de continuar vindo estudar aqui a noite), por conta de todo o contexto mítico e cultural daquele lugar.

USO 3 = USO DA EXPRESSÃO (*CHUNKING*)⁶

Isolado. Resposta negativa com justificativa e contra- expectativa

- [mas quando_{expressão}]

(4) *L*: Lá dá muito bicho porque eu sempre vejo o pessoal pescando eles puxam sempre peixe muito grande lá.

E: Eita...Qual o tamanho desse peixe?

L: Grande. Tipo tamanho dum...dum... Como é que chama aquele, Pacu né? =

E:

[hã]

L: = Aquele peixe maior

E:

[ãham]

L: Né... Já vi desses, muita gente pescando lá e puxando já...

E: Como é o nome da do peixe? Pirarara?

L: Pirarara

E: Tu acreditas nisso?

L: na Pirara? **Mas quando.** Eu *nunca* vi, ((risos)) é muito grande, muito muito grande =

M: [que engole criança, engole cachorro]

L: = A Pirara que engole criança =

M: [mentira]

⁶ Vale lembrar que o USO 3 apresenta mais variações em relação às análises.

L: = Isso é *mentira*, *nunca* vi *não*. ((ruídos))

M: Porque me falaram, o biólogo me falou que esse peixe *não* é carnívoro. (Áudio 04)

Em (4), temos mais uma vez, no que tange ao contexto, marcas linguísticas negativas como: *não*, *mentira* e *nunca*, que aparecem após à expressão *mas quando* como forma de intensificar o seu valor negativo e de auxiliar nas justificativas para a resposta negativa. A informante **L**, ao ser questionada sobre se acredita naquele peixe chamado Pirarara, responde com a expressão amazônica e dá a justificativa nos informando que não há como existir um peixe daquele tamanho “*que engole criança, engole cachorro*”, afirmando inclusive que a informação da existência deste peixe é falsa.

Entretanto, estamos também diante de uma contra- expectativa uma vez que inicialmente a informante **L** descreve o peixe que seria o ser mítico (= *eles puxam sempre peixe muito grande lá (...) Grande. Tipo tamanho dum...dum... Como é que chama aquele, Pacu né?*) e, além disso, espera-se que, por se tratar de narrativas orais tradicionais das pessoas daquela região, esta informante acredite no mito que deve sempre ouvir de várias pessoas há muito tempo, todavia, por ela *nunca* ter visto, ela não acredita *de jeito nenhum* naquilo e dá a resposta negativa não esperada. Em razão disso, temos, portanto, mais uma vez o USO 3 em nossos dados.

Considerações finais

Apresentamos neste trabalho os usos funcionais de “*mas*” e “*quando*” na fala do paraense por meio de dados coletados em situações de fala/escrita real. Encontramos, na análise dos dados, 3 (três) formas de uso desses elementos, nas quais a primeira forma se dá no uso dito comum entre falantes da Língua Portuguesa no Brasil, o que nomeamos de USO 1. Neste uso “*mas*” e “*quando*” aparecem juntos, entretanto, o “*quando*” possui a característica da mutabilidade em relação à sua posição, pois as conjunções podem aparecer longe uma da outra, mas continuam apresentando suas funções sintáticas. O “*mas*” introduz orações coordenadas, já o “*quando*”, hipotáticas adverbiais temporais.

Na segunda forma, a qual nomeamos de USO 2, “*mas*” e “*quando*” aparecem nos dados nos dando mais de uma possibilidade de interpretação, podendo, ora funcionar como expressão paraense com carga **negativa e opositiva**, ora sendo **parte de uma oração interrogativa** semelhante à funcionalidade de “*mas como?*”, por isso, dizemos que esse USO 2 é híbrido em sua análise.

Temos, portanto, a expressão cristalizada e marcada na fala do paraense em que “*mas*” e “*quando*” aparecem juntos e inseparáveis quanto a sua sequência. Neste USO 3 temos apenas a expressão funcionando com **função negativa e opositiva** em relação ao que foi dito anteriormente. Nos dados, ela aparece de forma isolada e sem a ocorrência do pronome “*que*” posposto à expressão, fato que ocorre com muita frequência nos dados híbridos do USO 2, o que talvez possa também ajudar a dar o caráter de oração interrogativa nestes usos. No entanto, nesta forma isolada podemos destacar a ocorrência do advérbio “*já*” posposto à expressão, podendo ter a função de enfatizar o caráter opositivo de “*mas quando*”.

Além disso, gostaríamos de ressaltar que utilizamos os estudos funcionalistas da Teoria Centrada no Uso, mais precisamente nos embasando no que Bybee (2010) nos traz em relação aos processos cognitivos de domínios gerais, mais precisamente o que a autora nomeia de *chunking*, ou seja, o agrupamento de partes sequenciais imutáveis. O *chunking* aparece no USO 3, uso em que *mas quando* coocorre com outras formas negativas já conhecidas em nossos estudos linguísticos e gramaticais da Língua Portuguesa no Brasil. Essas formas também contribuem para termos o entendimento semântico e pragmático de que a expressão em questão pode apresentar função negativa ou opositiva.

REFERÊNCIAS

CEZÁRIO, Maura M. & GOMES, Cristina A. Revista Linguística. Programa de pós graduação em Linguística, 2016. Resenha de: ACETI, Bruna. & MACHADO, Natália. Rio de Janeiro, volume especial, p.23, dezembro, 2016.

BYEBEE, Joan L. *Language usage and cognition*. New York: Cambridge University press, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CROFT, W. and CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ILARI, Rodolfo & BASSO, R. M. Advérbios verificadores. In ILARI, Rodolfo (org.). *Palavras de classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA – HERNANDES, M. C. Nova mente, outro contexto. In OLIVEIRA & ROSÁRIO (orgs.). *Linguística Centrada no Uso - teoria e método*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In OLIVEIRA & ROSÁRIO (orgs.). *Linguística Centrada no Uso - teoria e método*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

PERINI, Mário A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.